Restoration Fellowship

O Reino de Deus no Debate do Século XX e a Luz das Escrituras.

Anthony F. Buzzard

Publicado originalmente em inglês na Secção: *The Gospel of the Kingdom* no site *Focus on the Kingdom*, editor, janeiro de 2022, bajo el título: "***The Kingdom of God in the Twentieth-Century Discussion and the Light of Scripture***".

Traduzido por Fernando Coutinho Sánchez, Rancagua, Chile, Março de 2024. **(ferjoscousan@gmail.com)**

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de almeida, Corrigida Fiel 2007 (ACF2007). Publicações eletrónicas. ─ Salvo indicação em contrário. Estas citações estão em caracteres itálicos.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um versículo da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras palavras não-portuguesas estão entre aspas, em "*ITALICAS*" e/ou transliteradas para o português.

O tema do Reino de Deus está desfrutando de uma espécie de ressurgimento na teologia e na pregação, mas ainda há algumas questões básicas não resolvidas em torno dele. Buzzard, um graduado de Oxford que leciona no Oregon Bible College, em Illinois, aborda aqui um tópico que o fascina há algum tempo.

A importância do Reino de Deus para a nossa compreensão do cristianismo bíblico não pode ser exagerada. Há um consenso impressionante entre os estudiosos [raros, talvez, no campo dos estudos do Novo Testamento (NT)!] de que o Reino de Deus forma o próprio coração de tudo o que Jesus ensinou. A confirmação da centralidade do Reino no ministério de Jesus aparece em toda a parte. Quando *Archibald Robinson* apresentou as "*Bampton Lectures*" (Conferencias Bampton) em 1901, ele comentou que

> Não pode haver dúvida de que, nos ensinamentos de nosso Senhor, o Reino de Deus é o resumo representativo e abrangente de Sua mensagem distintiva. Em toda a sua mensagem está "a Boa Nova do Reino". **[1]**

Robert O'Toole observa que, para Lucas, em ambos os volumes, "a pregação sobre o Reino de Deus resume o ministério de Jesus, dos apóstolos, dos discípulos e de Paulo". **[2]** O Reino é, portanto, a preocupação primordial de todo o NT. Ele fornece o tema principal do evangelho.

O fato de que Jesus não pode ser divorciado do Reino de Deus, que "extrair este conceito da vida de Jesus seria como explodir os alicerces de um arranha-céu" **[3]** não levou a um acordo correspondente sobre o significado que Jesus atribuiu à frase Reino de Deus. "Há mais de um século que pessoas competentes não conseguem chegar a um consenso" **[4]** sobre a compreensão que Jesus tem do Reino. Isto parece levantar uma questão sobre a nossa compreensão da fé cristã como um todo. Podemos afirmar conhecer a mente de Jesus com alguma clareza se confessarmos dúvidas sobre o significado do seu conceito central?

Este ensaio tenta fazer um breve levantamento da discussão do Reino de Deus desde que *Johannes Weiss* e *Albert Schweitzer* romperam o "*status quo*" na teologia do Reino. Seu propósito é também apontar a causa subjacente da confusão sobre o significado do Reino, traçando o problema de volta ao viés anti escatológico mantido por tantos comentaristas.

A publicação de *Die Predigt Jesu vom Reiche Gottes* (1892), de *Johannes Weiss* (1863-1914), marcou uma grande mudança no entendimento, quase totalmente ausente na articulação social liberal predominante do Reino representada por *Albrecht Ritschl* (1822-1889), de que o ensinamento de Jesus era marcado por um forte tom apocalíptico. Weiss afirmou que o Reino de Deus definitivamente não deve ser lido como uma experiência individualista do governo de Deus no coração. O Reino, por outro lado, era radicalmente futuro, como um acontecimento que inauguraria uma nova ordem. O Reino de Deus não deve ser equiparado a uma conduta ética. Em vez disso, a ética de Jesus deve ser vista como exigências aos seguidores de Jesus que esperam entrar no Reino quando Ele vier. O Reino não existirá gradualmente por crescimento ou desenvolvimento, mas apenas como resultado de uma intervenção divina cataclísmica na "*Parousia*". *Albert Schweizer* chegou independentemente às mesmas conclusões gerais sobre a natureza do Reino nos ensinamentos de Jesus, rejeitando a visão ética atual dele em favor de uma compreensão escatológica. **[5]**

A obra de *Schweizer e Weiss* encontrou resistência inicial por parte daqueles que acharam inquietante o elemento escatológico do anúncio de Jesus. No entanto, ajudados pelo clima pessimista criado pela Segunda Guerra Mundial, os estudiosos estavam dispostos a reconhecer que Jesus deveria ser entendido no contexto de expectativas apocalípticas baseadas na esperança profética do Antigo Testamento para o estabelecimento do Reino. O legado de *Schweitzer* forçou uma reavaliação de muitas interpretações da vida de Jesus que muitas vezes refletiam ideologias e interesses do século XIX baseados no idealismo ético kantiano, em vez de evidências bíblicas. Surpreendentemente, no entanto, nem *Weiss* nem *Schweizer* viram a necessidade de fazer com que a sua própria posição [sobre o Reino] parecesse idêntica à de Jesus! **[6]** Parece que a mensagem do Jesus histórico foi considerada inadequada para os seus seguidores modernos!

A redescoberta do Jesus apocalíptico-escatológico levou *Bultmann* e *C. H. Dodd* a abordar a problemática questão de como a mensagem de Jesus ainda poderia reivindicar ser central e autoritária, apesar de sua orientação escatológica. **[7]** Como refere *Richard Hiers*,

> O Jesus escatológico histórico pediu para "questionar as crenças e afirmações do cristianismo liberal e tradicional". O cristianismo liberal via Jesus principalmente como um mestre e exemplo de uma ética eterna do amor, que tinha proclamado que o Reino de Deus estava presente no coração das pessoas através da experiência da comunhão com Deus ou que tinha chamado pessoas de todos os tempos para a tarefa de levar o Reino de Deus (ou estender a sua influência) à terra através da ação moral e a reforma social. **[8]**

Tanto *Bultmann* quanto *Dodd* tiveram de lidar com a alegação de que Jesus esperava que o Reino fosse estabelecido sobrenaturalmente em um curto espaço de tempo. Uma vez que o Reino não tinha vindo, a sua mensagem sobre o Reino estaria em dúvida. Tradicionalmente, sustentava-se que a salvação vinha através

da fé no Salvador crucificado e ressuscitado. Assim, o anúncio de Jesus da vinda do Reino não foi importante, exceto quando reinterpretado para significar o estabelecimento da igreja ou para afirmar que os cristãos "vão para o céu" quando morrem.

A ofensa da redescoberta do Reino apocalíptico na mensagem evangélica de Jesus não deve ser subestimada.

> Quando o estudioso católico *Alfred Loisy* expôs suas conclusões sobre as crenças escatológicas de Jesus, que se assemelhavam muito às de *Weiss* e *Schweitzer*, a Igreja Católica respondeu com sanções formais e difamação pessoal, e passou a pôr fim à erudição bíblica católica por várias décadas. **[9]**

O platonista cristão britânico, *C. H. Dodd*, esteve à altura do desafio das novas descobertas. Tomando *Mateus 12:28* (paralelo, *Lucas 11:20*) como seu texto decisivo, ele propôs a teoria que *J. E. Fison* mais tarde caracterizaria como "pura e francamente herética pelos padrões do NT" **[10]** de que Jesus declarou que o Reino era "uma questão de experiência presente" e não "algo que virá no futuro próximo". **[11]** Segundo *Dodd*, os provérbios sobre comer e beber no Reino referiam-se a uma "ordem transcendente para além do espaço e do tempo". **[12]** A teoria de *Dodd* encontrou dificuldades com aqueles textos que previam claramente a vinda do Reino na "*Parousia*". Sua única resposta foi descartar declarações futuristas sobre o Reino como adições posteriores à igreja. *Richard Hiers* acusa *Dodd*, não sem razão, de ignorar ou ignorar certos textos, em particular

> a primeira petição do Pai Nosso, *Mateus 6:10 = Lucas 11:2*, indicando claramente que Jesus esperava a vinda do Reino como o acontecimento decisivo que os seus contemporâneos enfrentavam. **[13]**

Pode-se discordar de *Hiers* que Jesus esperava que o Reino viesse durante sua vida, mas seu argumento contra *Dodd*, ecoado por muitos outros, dificilmente pode ser contestado.

O desgosto pelo Reino futurista e apocalíptico refletiu-se na teologia de *Bultmann* de uma maneira diferente, mas com resultados não menos desastrosos para a mensagem central de Jesus. *Bultmann* reconheceu plenamente o elemento escatológico da proclamação do NT, mas evitou-o alegando extrair da "casca" judaica, através de um processo de "desmistificação", o elemento essencial e permanente, ou seja, o desafio da "crise de decisão". *Bultmann* pôde, assim, afirmar que o "*Kerygma*" (como "reinterpretado" nos moldes da filosofia existencialista) substitui "o Jesus histórico como uma mensagem dirigida às gerações posteriores" **[14]** Mas, como *Hiers* continua a dizer,

> Se a substância da pregação de Jesus tem tão poucas consequências teológicas, como afirma *Bultmann*, pode-se perguntar por que ele se dá ao trabalho de "desmistificar" a mensagem de Jesus. **[15]**

W. G. Kümmel/*George Eldon Ladd* alcançou uma posição mediadora entre a escola *Schweizerl*/*Weiss* e a escola *Dodd*/*Bultmann*. Procurando equilibrar os extremos de seus antecessores no estudo do Reino, eles propuseram que o Reino era presente e futuro. Talvez, de facto, eles concordassem com a crença de *Bultmann* de que "embora o Reino seja inteiramente futuro, ele determina totalmente o presente" **[16]**. O fator importante nesta ideia é que o futuro Reino é primário, e o aspeto presente é derivado dele. Os exorcismos de Jesus são sinais de que o Reino opera antecipadamente. *W. G. Kümmel* não perdeu de vista as "declarações que presumem ou mencionam expressamente não a proximidade, mas o futuro do Reino de Deus". **[17]** *Kümmel* estava convencido de que Jesus estava enganado sobre a esperada chegada imediata do Reino. Isto parece minar seriamente a autoridade de Jesus. No entanto, *Kümmel* insiste veementemente que o Reino vindouro não deve ser separado da história. Sua declaração é de particular interesse como um aviso contra os sistemas de *Dodd* e *Bultmann* e liberais anteriores:

> Uma vez que o NT anuncia como mensagem central um ato de Deus num determinado momento da história como ato redentor final, a forma mitológica de conceção não pode ser simplesmente separada desta mensagem central: pois significaria que a mensagem do próprio NT seria revogada, se uma mensagem intemporal sobre o presente como tempo de decisão ou sobre a proximidade espiritual de Deus substituísse a pregação do *futuro* escatológico e a determinação do futuro. presente para esse futuro. Portanto, é impossível eliminar da mensagem escatológica de Jesus o conceito de tempo e, com ele, a escatologia futura. **[18]**

A pesquisa de *George Eldon Ladd* sobre o Reino teve origem quando ele descobriu que "nenhuma interpretação disponível do Reino de Deus parecia estar de acordo com os dados bíblicos". **[19]** Estamos em dívida para com *Ladd* por sua ênfase no esquema de "duas eras" que certamente subjaz ao pensamento de Jesus, e sua conclusão de que o reinado dinâmico de Deus permeia a era presente "sem transformá-la na era futura". **[20]** Com esta ideia, ele mantém o presente e o futuro em tensão sem perder de vista o futuro enraizado no tempo. *Ladd* também lutou com o discurso da Oliveta e concluiu que Jesus entrelaçou história e escatologia sem distinguir claramente as duas. No entanto, pode ser mais simples dizer que Jesus previu um período de grande angústia em Jerusalém pouco antes da "*Parousia*".

Concluímos nosso passeio histórico mencionando o trabalho de *Norman Perrin*. Movendo-se numa nova direção, rejeita a ideia de que o Reino de Deus é um conceito. É, de facto, um "símbolo tenso" que pode evocar "toda uma gama ou série de conceções", **[21]** mas que não faz qualquer referência particular a um "presente" ou a um "futuro". Deus é o Rei das realidades existenciais da vida.

"O que fazer com essas diferentes visões sobre o assunto favorito de Jesus?" Parece que o próprio Evangelho está aqui em jogo, uma vez que Jesus falava constantemente do "Evangelho do Reino", convidando à crença nessa mensagem muito antes de se ouvir uma única palavra sobre a sua morte sacrificial e posterior ressurreição (*Marcos 1:14, 15, Lucas 4:4*3, etc. com *Lucas 18:31-34*). De fato, os Apóstolos, como Lucas deixa bem claro, continuaram após a ressurreição a propagar a mesma mensagem evangélica do Reino de Deus (*Atos 8:12, 14:22, 19:8, 20:25, 28:23, 31*).

Sugerimos que grande parte da confusão sobre o significado do Reino e, portanto, sobre a própria mensagem cristã, surge do fracasso de todos os esquemas acima mencionados para definir o Reino futuro. Muito pouca luz é lançada sobre o Reino simplesmente dizendo que ele é presente e futuro. Embora haja certamente um aspeto presente do Reino de Deus e um aspeto futuro, deve-se reconhecer que, dos dois aspetos, um é determinante e o outro derivado. Esta é a força de *Weiss* e *Schweitzer* e é corroborada por "*The Messianic Hope in the New Testament*" (A Esperança Messiânica no Novo Testamento), de *Shailer Matthews*. **[22]** Em primeiro lugar, insiste justamente no elemento indispensável da escatologia na apresentação do Reino no NT. Opõe-se veementemente à opinião de que:

> o Reino de Deus não desempenha nenhum papel importante no cristianismo apostólico; que todas as questões escatológicas não eram mais para a igreja primitiva e para Paulo e os primeiros pais do que para um tratado moderno de teologia sistemática. Tal visão carece de perspetiva histórica e está em desacordo com todo o pensamento da literatura do cristianismo apostólico. O próprio nome do movimento, cristianismo, sugeriria a visão oposta. Longe do Reino escatológico de Deus ser um elemento secundário na igreja primitiva, é a sua grande crença condicionante. **[23]**

A análise abrangente de *Shailer Matthews* sobre o conceito de Jesus sobre o Reino produz os seguintes resultados:

> Para Jesus, como para os fariseus, o Reino de Deus ainda era futuro. O arrependimento foi exortado, não como meio de trazer o Reino, mas como preparação para ser membro dele quando, com a boa vontade do Pai, apareceu. O Reino é, portanto, um dom de Deus, destinado

> a vir, não como produto da evolução social, mas, de repente, como algo já preparado antes da fundação do mundo. **[24]**

Mateus está totalmente preparado para ver um elemento presente no conceito do Reino de Jesus, mas argumenta que

> Na melhor das hipóteses, as passagens que podem ser citadas a favor do reino presente existente são extremamente poucas, enquanto aquelas que devem ser interpretadas de forma mais natural para se referir ao reino futuro são quase constantes.

Todo o esquema do ensinamento de Jesus é

> tão completamente semelhante ao que se demonstrou ter herdado, que torna improvável a substituição dos herdados por novas definições no mais alto grau. O processo histórico-gramatical, se tem algum valor, exige que dos dois usos do termo reino [presente e futuro], o escatológico seja escolhido como fundamental.

Ele conclui que o futuro reino é elegante para Jesus. O reino atual é derivado dele.

> Qualquer definição estrita do Reino de Deus usada por Jesus deve ser escatológica. Para Jesus, como para os seus contemporâneos, o reino ainda estava por vir. O seu aparecimento não seria o resultado de uma evolução social, mas repentinamente como um dom de Deus; Os homens não podiam apressar a sua chegada; eles só podiam preparar-se para serem membros dela. **[25]**

A esta compreensão do Reino o autor sente-se compelido pelas evidências do NT. O fato de que o reino escatológico não é mais amplamente aceito pode ser atribuído à antipatia do "homem científico moderno" em relação à noção de intervenção divina futura. Mas Jesus só pode modernizar-se a si mesmo à custa de toda a sua Mensagem evangélica do Reino! Todas as tentativas de explicar o Reino para além da sua herança do Antigo Testamento (AT), enraizada na perspetiva do Dia do Senhor e do próximo Reino Messiânico numa terra renovada, estão destinadas ao fracasso. Isso não impediu que os autores modernos continuassem a promover um reino despojado de suas associações apocalípticas.

O exame histórico de *Rosemmy Reuther* sobre a experiência ocidental da esperança messiânica **[26]** lança uma luz inestimável sobre o contexto em que a mensagem do Reino de Jesus deve ser compreendida. Ela confirma que a cosmovisão cristã original seguia um padrão que ela chama de "crise apocalíptica". A visão apocalíptica remonta ao futurismo profético judaico, com o livro de Daniel como principal influência. Os elementos desta filosofia da história são tão importantes para a compreensão de Jesus que merecem ser brevemente revistos.

Deus tinha feito uma aliança com Seu povo de que Ele seria o Deus deles e eles seriam Seu povo... Ao povo da aliança foi prometido que seria uma nação poderosa. Eles herdariam uma terra que fluía com leite e mel. Eles possuiriam a terra em paz, virtude e prosperidade... À luz da aliança e da promessa, as catástrofes sobre o povo foram interpretadas como a infidelidade do povo a Deus. Assim vem o motivo profético do juízo... Deus procura converter o povo e trazê-lo de volta à fidelidade a Ele. Quando isso acontecer, então a tão esperada promessa será cumprida. Imagens de piedade, felicidade, prosperidade, fecundidade e paz podem então ser apresentadas como símbolos desta tão esperada libertação. Estas estruturas de pensamento provaram ser uma chave constante pela qual o povo judeu interpretava a sua própria história em relação a Deus. O esperado cumprimento da promessa não era uma salvação de outro mundo, mas uma era futura que se mantém como o objetivo ideal e histórico da comunidade.

Uma parte intrínseca do esquema da "crise apocalíptica" é a influência generalizada do mal cósmico que tem

> capturou o mundo, de modo que este mundo escapou do domínio de Deus e se tornou estranho a Ele. Tornou-se o reino do maligno... A salvação só pode vir através de uma derrocada radical

> deste mundo presente, desta era presente, e da inauguração de um mundo e de uma época radicalmente novos, fundados num princípio diferente, no princípio do domínio de Deus e não no princípio dos poderes demoníacos. *Deve haver uma grande desaceleração cósmica entre Deus e os poderes e principados deste 'mundo', uma derrubada de uma vez por todas e a criação de uma nova ordem na qual a justiça e a justiça de Deus serão vingadas e prevalecerão*... No entanto, dentro da perspetiva apocalíptica, este reinado messiânico de anos ilustres não é considerado um processo evolutivo, embora mais tarde tenha sido interpretado como tal. Além disso, o mal é considerado eliminado de uma vez por todas numa intervenção repentina que ocorre entre a história e o início do reinado messiânico. A partir daí, o bem reina inequivocamente... Seria contraditório dizer que "Cristo veio" e ainda assim ter guerras, doenças e injustiças no país. A vinda do Messias e a vinda da era messiânica são idênticas. **[27]**

Como descrição da visão messiânica do Novo Testamento sobre o futuro, seria difícil igualá-la. Embora Cristo tenha aparecido, o Reino ainda não veio. Sua chegada é esperada na "*Parousia*", que será de fato um confronto cósmico (*Mateus 24:29-31, 2 Tessalonicenses 1:7, 8*, etc.). Se os crentes, que afirmam confiar na Bíblia como padrão normativo em matéria de fé, tivessem mantido essa filosofia da história, haveria poucos argumentos para o conceito central de Jesus, o Reino de Deus. Parece, no entanto, que os teólogos não acham essa perspetiva aceitável, o que pode significar que os ensinamentos de Jesus são menos populares do que se pensava anteriormente.

O estudo esclarecedor de *Georgia Harkness*, "Entendendo o Reino de Deus", luta galantemente com o problema do Reino, mas você ouve como ilogicamente abandona o elemento de que não gosta: o elemento "crise apocalíptica"? Sempre que ele se depara com passagens do ensinamento de Jesus que parecem refletir o messianismo judaico, ele responde dizendo que "isso não soa como Jesus". Mas isso é discutir em círculo. O seu Jesus é permanentemente não-violento e, portanto, não pode ter ameaçado exterminar os seus inimigos na "*Parousia*". (Que Jesus defendeu a não-violência para seus seguidores no tempo presente enquanto residia como "estranhos" e embaixadores em um mundo hostil não é contestado.) Mas se ela abandonasse esse uso seletivo de evidências e permitisse que Jesus apocalíptico falasse claramente tanto dos evangelhos, das epístolas e do Apocalipse, sua construção do Reino de Deus seria bem diferente. Em última análise, parece cair novamente no hábito liberal de reestruturar os ensinamentos de Jesus sobre o Reino para se adequar aos ideais modernos (não que a Igreja tenha um bom histórico de aplicação de ideais não violentos!) As descobertas de *Weiss* e *Schweitzer* tiveram pouco impacto em sua teologia do Reino, por mais interessantes que possam ser como estudos históricos.

Harkness aponta o erro implícito no slogan "Jesus pregou o Reino de Deus. Nós pregamos Jesus". Ele pergunta: "Mas podemos pregar Jesus ou mesmo compreendê-lo sem enfatizar a verdadeira regra de Deus, a nota central de todo o seu ensinamento?" Não deveríamos também nos perguntar: podemos pregar Jesus ou mesmo compreendê-lo se removermos a tensão apocalíptica que está tecida em todos os seus ensinamentos? *Harkness* salienta que

> há uma passagem em Lucas tão cruel e vingativa em suas implicações, tão diferente do espírito de Jesus que raramente é citada, se é que é descoberta: "*aqueles meus inimigos* (...) *matai-os diante de mim*" (*Lucas 19:27*).

Ela resolve o problema duvidando que Jesus pudesse ter dito tal coisa. Ela está confiante de que

> Jesus rejeitou categoricamente o entendimento histórico e, em seu tempo, o entendimento mais comum do Messias como um libertador político que restauraria Israel à sua antiga grandeza sob Davi. **[30]**

Jesus, no entanto, não tinha o hábito de ignorar um grave mal-entendido sobre o Reino, se é que tal era um. O fato é que sua pergunta reflete uma escatologia que Jesus não desanimou em nenhum lugar (*Mateus*

19:28, Lucas 22:28-30, etc.) e isso fortemente. Confirma o quadro apocalíptico em que se situa o seu ensino. Se permitirmos que a pergunta seja natural à luz do que Jesus esperava sobre o Reino futuro, não será necessário suspeitar, como faz *Harkness*, que

> O movimento apocalíptico de Jesus foi provavelmente distorcido nos registos dos sinóticos. **[31]**

Jesus, no entanto, não tinha o hábito de ignorar um grave mal-entendido sobre o Reino, se é que tal era um. O fato é que sua pergunta reflete uma escatologia que Jesus não desanimou em nenhum lugar (*Mateus 19:28, Lucas 22:28-30*, etc.) e que o influenciou fortemente. Confirma o quadro apocalíptico em que se situa o seu ensino. Se permitirmos que a pergunta seja natural à luz do que Jesus esperava sobre o Reino futuro, não será necessário suspeitar, como faz *Harkness*, que

> O movimento apocalíptico de Jesus foi provavelmente distorcido nos registos dos sinóticos. **[32]**

Não se pode evitar a suspeita de que há uma forte tendência anti apocalíptica em quase todas as análises contemporâneas do Reino, nos ensinamentos de Jesus. Os comentadores parecem determinados a fazer de Jesus «um de nós». O perigo desta "desmessianização" é que o evangelho do Reino de Jesus, a mensagem salvífica apresentada tanto por Ele como pelos Apóstolos, seja radicalmente distorcido. Um ingrediente principal da mensagem é ignorado ou reinterpretado para torná-la mais alinhada com a nossa perspetiva "moderna".

A conclusão a que se chega depois de inspecionar o debate atual sobre o Reino de Deus é que o futuro Reino é quase sempre abandonado. É ignorado ou deixado completamente indefinido. Se não for definido, de pouco vale falar do Reino como presente e futuro, como se não houvesse diferença na forma do Reino em dois momentos diferentes do tempo. Isso seria como dizer que um período de noivado não é diferente de um casamento subsequente. Embora se possa dizer que um casamento é "presente" em certo sentido, mesmo durante o período de preparação, não temos dúvidas de que o casamento, propriamente dito, é futuro e claramente diferenciado do período presente. O mesmo acontece com o Reino. A presença do Reino pode ser vivida como uma antecipação do que será no futuro. Mas, no futuro, virá com uma intervenção divina cataclísmica, o Dia do Senhor dos profetas que se tornará a "*Parousia*" do NT. Esse acontecimento resultará numa extensão mundial do Reino sob o domínio do Messias, como todos os profetas predisseram.

A fraqueza de tudo o que se lê sobre o Reino é que o Dia do Senhor foi removido da discussão. O Reino de Deus está destinado a consistir, então, de alguma forma em um processo evolutivo para o qual devemos trabalhar, em vez de a nova era estar do outro lado do Dia do Senhor, como todos os profetas e o NT o veem (compare, *Lucas 21:31*). Isso, talvez, só signifique que os teólogos modernos abandonaram em grande parte a perspetiva "adventista" que permeia o NT e é parte integrante da perspetiva apocalíptica de Jesus. Mas a visão messiânica de Jesus colore tudo o que ele ensina, e ele simplesmente não pode ser removido de seus ensinamentos sem alterar drasticamente o todo.

Em suma, a situação parece ser que os evangélicos evitam em grande parte o "Evangelho do Reino" por medo de se associarem à tradição do "Evangelho Social" de *Walter Rauschenbusch*. Os "liberais", por outro lado, acolhem o 'evangelho do Reino', mas reinterpretam-no, abandonando a sua forte ênfase apocalíptica nos ensinamentos de Jesus. Portanto, nenhum dos "campos" transmite o evangelho como Jesus o ensinou. O vislumbre revelador da mente apostólica em *Atos 1:6*, onde os resultados dos ensinamentos de Jesus se refletem na esperança dos Apóstolos de que o Reino seja restaurado a Israel, ainda espera ser aproveitado como a chave para a mente de Jesus cuja visão do Reino de Deus é muito diferente da visão que reivindica seu apoio nas igrejas.

O fascinante estudo do Reino de *Mortimer Arias* **[33]** coloca a seguinte questão: "Por que razão a linguagem do Reino desapareceu da evangelização e, muitas vezes, da própria teologia?" **[34]** "Parece que estamos perante um eclipse do Reino de Deus que perdura desde os tempos apostólicos até ao presente,

particularmente na nossa teologia da evangelização". **[35]** Ele descreve esta situação como "dolorosa e grave". **[36]** "A Boa Nova do Reino não é a maneira como descrevemos o Evangelho e o evangelismo. Aqui está o problema..." **[37]** "Por que não vi antes? A evangelização do Reino pode ser a resposta para a nossa crise atual". **[38]** *Arias* traça a origem do que parece ser uma perda desastrosa do Evangelho de Jesus:

> Jesus veio proclamando "*evangelho do reino de Deus; porque para isso fui enviado*" (*Lucas 4:43*). Mas, em vez disso, temos pregado "o plano de salvação" ou alguma outra fórmula evangelística, e chamamos isso de "evangelismo". **[39]**
>
> "Por que nós, os pregadores e evangelistas que devemos proclamar o evangelho de Jesus, o Cristo, parece ter ignorado o aspeto central dos ensinamentos de Jesus?" **[40]**

Depois vem uma confissão pessoal:

> Quando saí do seminário pela primeira vez, não tinha uma ideia clara do Reino de Deus e não tinha lugar na minha teologia para a Segunda Vinda ou para a "*Parousia*" ... Eu não tinha preocupações com o futuro.... Acredito sinceramente que parte do nosso problema com a teologia do evangelismo, e com a ilusória questão da motivação, tem muito a ver com escatologia falha (e mais falha porque foi implícita em vez de deliberada). **[41]**

A obra de *Arias* tem o caráter de um chamado profético às igrejas para que retornem ao Evangelho do Reino, sem se afastar da implicação apocalíptica do "Reino de Deus". *Richard Hiers* confirma as conclusões de *Arias*, atribuindo a nossa atual confusão sobre o Evangelho de Jesus à "falta de vontade por parte dos intérpretes de levar a sério a perspetiva escatológica de Jesus".

> Os estudiosos do NT falharam em expor à opinião pública (e muitas vezes à sua própria consciência) a natureza especificamente escatológica das crenças e pregações de Jesus, como indicado pela tradição sinóptica. **[42]**

Parece que a revolução *Weiss*/*Schweitzer*, que iniciou o nosso século, ainda está a surtir efeito. No entanto, o seu progresso é dificultado pela antipatia da "teologia" em relação a uma compreensão bíblica do Reino. Os "adventistas" reclamam há 150 anos que o tom apocalíptico dos ensinamentos de Jesus não estava sendo levado a sério. Talvez se ouça o apelo de *Mortimer Arias* para um regresso à tradição sinóptica do Evangelho do Reino. Entretanto, não podemos deixar de nos interrogar se a voz autêntica de Jesus pode ser facilmente ouvida nas avaliações contemporâneas dos seus ensinamentos. As conclusões de *Richard Hiers* podem revelar-se um comentário justificável sobre a maneira como rejeitamos Jesus:

> Não há dúvida de que Jesus e os evangelistas esperavam a atualização futura dos "últimos" acontecimentos decisivos: a vinda do Filho do Homem... e a vinda do Reino ou estava por vir. O fato de que isso certamente desempenhou um pequeno papel na exegese e teologia contemporâneas pode ser atribuído principalmente aos interesses dogmáticos ou filosóficos (ou aversões) dos "fazedores" da exegese e da teologia. Só muito recentemente essas crenças "futuristas" começam a ser reconhecidas como algo mais do que um absurdo judaico primitivo e cristão primitivo que deve ser rapidamente e, se possível, silenciosamente eliminado. É significativo que os proponentes da escatologia "realizada" e "futurista" geralmente acabem eliminando completamente a expectativa futura ou seu significado. **[43]**

Ao fazê-lo, eles podem muito bem tornar-se os destruidores involuntários do evangelho do Reino proclamado por Jesus. O Evangelho do Reino é, afinal, o Evangelho de Deus e de Cristo e central para a fé cristã.

J. Ramsay Michaels concluiu que "embora houvesse um aspeto presente do Reino de Deus que realmente remontava ao Jesus histórico, esse aspeto foi derivado em seu pensamento e não primário. Explicitamente, o reino que Jesus proclamou era futuro; só implicitamente poderia ser considerado presente". **[44]** A análise dos ditos gravados de Jesus confirma este primado do Reino futuro e, uma vez

que o Evangelho é sobre o Reino, o primado do Reino futuro na própria mensagem evangélica. É um embaraço sobre a futura dimensão apocalíptica da mensagem de Jesus que leva grande parte do evangelismo a construir seu evangelho a partir das cartas de Paulo, concentrando-se quase exclusivamente na morte, sepultamento e ressurreição de Jesus, ou seja, um evangelho sobre Jesus com exclusão das mensagens pregadas por ele. **[45]**

No entanto, é metodologicamente incorreto obter informações sobre o conteúdo do Evangelho principalmente das comunicações de Paulo àqueles que ele havia evangelizado anteriormente. Curiosamente, os evangelistas modernos evitam as declarações de Lucas em Atos sobre o que Paulo pregou como evangelho aos potenciais convertidos. Lucas relata que o Reino foi o primeiro item na agenda evangelística de Paulo (*Atos 19:8, 20:24, 25, 28:23, 31*). A insistência de Lucas na pregação do Reino apostólico foi ignorada. Paulo seguiu seu Mestre exatamente e viu sua própria pregação como uma continuação da pregação de Jesus. Jesus deve ser escutado, e não simplesmente escutado, para que a palavra salvadora se enraíze no coração do crente (*Romanos 10:14*). Este é exatamente o ponto da parábola do semeador (*Lucas 8:12, Mateus 13:19*), onde o contato com a mensagem salvífica sobre o Reino de Deus é a base para a conversão.

Os efeitos práticos de admitir o Reino de Deus no Evangelho são, em primeiro lugar, que a mensagem de Jesus sobre o Reino será restabelecida após uma longa ausência. No entanto, isso será impossível até que o futuro Reino seja definido. Até agora, parece que fizemos poucos progressos além de dizer que o Reino é, em certo sentido, presente e, em certo sentido, futuro. Mas em que sentido?

Aqui devemos abandonar nossa antipatia de longa data pelo messianismo de Jesus. Devemos recuperar a base do AT do anúncio do Reino como uma antecipação da vinda do Dia do Senhor que levará à paz universal na terra (*Isaías 2:2-4, Daniel 2:44, 7:27*, etc.). João Batista compreende assim a mensagem do Reino (*Mateus 3:2-12*), e não há nada que sugira que Jesus tinha uma visão diferente. Ele também declara que o Reino está "próximo" (*Mateus 4:17*).

Seria totalmente desarmonioso com a perspetiva profética e messiânica de Jesus insistir que ele ou João Batista pretendiam estabelecer um limite de tempo para a continuação da era atual antes da vinda do Reino, cujo advento a igreja deve cumprir e orar (*Mateus 6:10*). Dizer que o Reino está "próximo" não implica que ele virá dentro de um certo tempo. Os profetas anteciparam constantemente que o Dia do Senhor estava "próximo". Jesus responde ao seu grito. A "iminência" do Reino desafia aqueles que ouvem a mensagem a tomar medidas urgentes de preparação, em vez de fixar uma data para a sua chegada. Mesmo a afirmação de Jesus de que esta "geração" não passará enquanto não chegar a crise do fim não prova que ele tenha fixado uma data para a "*Parousia*". A "*Genea*" pode muito bem ser entendida como "a atual sociedade má organizada em oposição a Deus". É esse sistema que só será substituído depois de todos os males apocalípticos descritos em *Marcos 13* terem sido experimentados. **[46]**

A famosa antecipação do Reino em *Marcos 9:1* também não prova conclusivamente que Jesus esperava que o Reino viesse dentro de alguns anos. Todos os três evangelistas veem o cumprimento da surpreendente declaração de Jesus na "vinda" proléptica do Reino apenas em visão (*Mateus 17:9*) na transfiguração. Então Pedro também entendeu a transfiguração como um vislumbre do Reino que viria na "*Parousia*" (*2 Pedro 1:16-18*). **[47]**

O Evangelho do Reino, que não é diferente do Evangelho da graça (*Atos 20:24, 25*), convida-nos a crer nos propósitos de Deus, tanto para o indivíduo como para o mundo. É essencialmente uma mensagem "adventista" que nos chama a tomar com a máxima seriedade não apenas o que Deus fez em Cristo, mas o que Ele fará ao enviar Seu Filho de volta à Terra. É uma mensagem calculada pela sua urgência e ligação com o grande Dia da Parusia para motivar ao máximo. O realismo da esperança inspirado na promessa do Reino futuro é uma parte indispensável da arma do cristão contra o desânimo. Constitui igualmente um forte estímulo ao crescimento. E a fé e o amor são edificados sobre a esperança contida na Mensagem do Evangelho (*Colossenses 1:4, 5*). Mas esta forte orientação futura da mensagem evangélica foi ofuscada por

um antagonismo tradicional em relação ao quadro apocalítico judaico do "*Ketygma*" de Jesus, que está em contradição com a nossa visão gnóstica do futuro. Enquanto nós falamos principalmente de almas que partem da terra, Jesus anuncia a vida de ressurreição para os salvos na terra (*Mateus 5:5*). Herdar o Reino oferecido pelo Evangelho é tomar posse do mundo como filhos de Abraão (Romanos 4:13). É governar as tribos reunidas (*Mateus 19:28*), governar a nova ordem mundial (*1 Coríntios 6:2, Hebreus 2:5*) e ser alistado como cidadão da Nova Jerusalém, uma cidade na terra com a qual o Reino de Deus está devidamente associado (*Lucas 19:11*). Tudo isto não é senão o que os profetas desejavam. É trágico que tenhamos prescindido tão facilmente do AT como fonte de visão do futuro. Foi precisamente isso que Jesus não fez. O seu evangelho está enraizado em Daniel e Isaías (por exemplo, *52:7*), onde o nacionalismo e o universalismo se combinam, e o "espiritual" não está divorciado das estruturas políticas reais que operam numa terra renovada.

J. Ramsey Michaels tem razão em falar. da "forte orientação futura de Jesus", do anúncio do próprio Reino. **[48]** Ele também insiste que a expectativa sincera de Paulo sobre o Reino vindouro não é menos pronunciada (*1 Coríntios 6:9, 10; 15:50; Gálatas 5:21; Efésios 5:5; 1 Tessalonicenses 2:2; 2 Tessalonicenses 1:5; Colossenses 5:11; compare, 2 Timóteo 4:1, 18*). Como remédio para a nossa atual indefinição sobre o Reino de Deus, propõe que abandonemos a nossa dicotomia antibíblica de "espiritual" e "físico" em relação às coisas vindouras.

> "A tendência de" muita erudição cristã tem sido minimizar o caráter judaico ou étnico da visão de Jesus do Reino de Deus com a observação de que ele não tinha interesse em um reino político ou que pudesse ser estabelecido pelo poder militar ou rebelião contra os romanos. regra. O pressuposto tácito é que apolítico significa não-nacionalista, que por sua vez significa antiético e não-judeu, mas "espiritual" e "universal". Na realidade, o Reino de Deus de acordo com as expectativas judaicas era espiritual e nacional, universal e étnico. **[49]**

Tal compreensão do Reino harmoniza-se exatamente com o tipo de Reino imaginado por Daniel (*Daniel 7:27*) e pelos contemporâneos de Jesus (*Salmo Sol. 17:3, 4*), bem como pelos apóstolos totalmente instruídos em *Atos 1:6* (compare, *Lucas 19:11*).

O velho argumento de que a "casca" do messianismo judaico deve ser despojada da mensagem de Jesus para que ela se torne relevante está começando a desmoronar sob a pressão de um retorno ao Jesus judaico histórico. A "concha", na verdade, é nada menos que o Reino apocalíptico no qual a mensagem de Jesus está centrada. Devemos deixar para trás (não sem algum constrangimento por ter tantas vezes "reinterpretado" Jesus para se adequar aos nossos próprios pressupostos) as nossas imagens de Jesus como uma figura salvífica helenizada, ou, como diz *J. Ramsey Michaels*, "mesmo um gnóstico antes do seu tempo". [50] Talvez sejamos culpados por agnosticar o Evangelho do Reino porque queríamos um Jesus que não fosse um profeta apocalíptico judeu que anunciasse, como seu Evangelho, o ainda futuro fim dos tempos e com ele a vinda do Reino de Deus na terra.

Notas Finais

[1] *Regnum Dei*: "*Eight Lectures on the Kingdom of God in the History of Christian Thought*" (Oito Palestras sobre o Reino de Deus na História do Pensamento Cristão) (Londres: Methuen and Co., 1901), 8, 9.

[2] "*The Kingdom aJ God in 20th Century Interpretation*" (O Reino de Deus na Interpretação do Século XX), Wendell Willis, ed. (Hendrickson, 1987), 153 (doravante abreviado "20th Cent").

[3] *D. B. Kraybill*, "*The Upside-Down Kingdom*" (O reino ao contrário) (Herald Press, 1978), 23.

[4] "*20th Cent.*", xi.

[5] "*The Mystery of the Kingdom of God*" (O Mistério do Reino de Deus) (Nueva York: Schocken, 1914), primera pub. 1901.

[6] *D. L. Holland*, "*History, Theology and the Kingdom of God: A Contribution of Johannes Weiss to Twentieth-Century Theology*" (História, Teologia e Reino de Deus: Uma Contribuição de Johannes Weiss para a Teologia do Século XX), Biblical Research 13, 1968, 56.

[7] "*20th Cent.*", 15.

[8] "*20th Cent.*", 16.

[9] "*20th Cent.*", 17.

[10] *J. E. Fison* em "*The Christian Hope*" (A Esperança *Cristã) (Longmans, 1954), citado por Lean Monis em "New* International Commentary on I Thessalonians" (Novo Comentário Internacional sobre 1 **Tesalonicenses), 147.**

[11] *C. H. Dodd*, "*The Parables of the Kingdom*" (Las parábolas del Reino) (Nueva York, Scribner's, 1961), 29-31.

[12] "The Parables of the Kingdom" (As Parábolas do Reino), 38-40.

[13] "*20th Cent.*".

[14] *Hiers*, "*20th Cent.*" 27.

[15] *Hiers*, "*20th Cent.*", 27.

[16] **"*Jesus and the Word*" (Jesus e A Palavra) (Nueva York, Scribner's, 1958), 51.**

[17] "*Promise and Fulfillment: The Eschatological Message of Jesus*" (Promessa e Cumprimento: A Mensagem Escatológica de Jesus) (Londres, SCM Press, 1957).

[18] "*Promise and Fulfillment*" (Promessa e Cumprimento), 148, énfasis añadido.

[19] *G. E. Ladd*, "*The Pattern of New Testament Truth*" (O Modelo da Verdade do Novo Testamento) (Eerdman's, 1968), 47.

[20] "*The Presence of the Future: The Eschatology of Biblical Realism*" (A Presença do Futuro: A Escatologia do Realismo Bíblico) (Eerdrnans, 1974),149.

[21] "*Jesus and the lenguage of the Kingdom*" (Jesus e a Linguagem do Reino) (Fortress Press, 1980), 33.

[22] "*University of Chicago Press*" (Imprensa da Universidade de Chicago), 1905.

[23] pág. 145, sublinhado nosso. *Harnack* concorda: "O Evangelho entrou no mundo como uma mensagem escatológica apocalíptica, apocalíptica e escatológica, não apenas em sua forma, mas em seu conteúdo". ["*History of Dogma*" (História do dogma)], vol. I, 58).

[24] "*The Messianic Hope*" (A esperança Messiânica), 72.

[25] *op. cit*., 80, 82.

[26] "*The Radical Kingdom, The Western Experience of Messianic Hope*" (O Reino Radical, A Experiência Ocidental da Esperança Messiânica) (Paulist Press, 1970).

[27] *op. cit*., 4-9, énfasis añadido.

[28] *Abingdon Press*, 1974.

[29] *Harkness*, 17

[30] *op. cit*., 82.

[31] *op. cit*., 84.

[32] *op. cit.*, 84.

[33] "Announcing the Reign of God, Evangelization and the Subversive Memory of Jesus" (Anúncio do Reino de Deus, evangelização e memória subversiva de Jesus) (Fortress Press, 1984).

[34] *op. cit*., 41.

[35] *op. cit*., 55.

[36] *op. cit*., 66.

[37] *op. cit.*, xiii.

[38] *op. cit*., xvii.

[39] op. cit., 1.

[40] *op. cit*., 9.

[41] *op. cit*., 85, 87.

[42] "*The Kingdom of God in the Synoptic Tradition*" (O Reino de Deus na Tradição Sinóptica) (University of Florida Press, 1970), 3, 4.

[43] *op. cit*., 96.

[44] "*The Kingdom of God and the Historical Jesus"* (O Reino de Deus e Jesus Histórico), en "*The Kingdom of God in 20-Century Interpretation*" (O Reino de Deus na Interpretação do Século XX), *Wendell Willis*, ed. (Hendrickson, 1987), 110. As poucas afirmações sinópticas que são reivindicadas como evidência da presença do Reino podem ser menos claras do que se pensava anteriormente. *Mateus 12:28* fala do Reino "vindo" daquele que foi liberto da opressão demoníaca. Mas será que "*eftashen*" implica algo mais do que que a pessoa está destinada ao Reino? A ira que "veio" ("*efthasen*") sobre os judeus (*1 Tessalonicenses 2:16*) ainda é a "*ira vindoura*" (*1 Tessalonicenses 1:10*). Veja também *Richard Hiers*, "*The Kingdom of God in the Synoptic Tradition*" (O Reino de Deus na Tradição Sinóptica) (University of Florida Press, 1970), 30-35. *Lucas 17:21* também pode ser entendido com a nota de rodapé NEB e *Hiers* (*op. cit*., 22-29) como referência à vinda futura do Reino. Como Hiers aponta, a escatologia de *Lucano* é em outro lugar "inequivocamente futurista, no que diz respeito ao Reino de Deus". (*op. cit*., 29). Mesmo que leiamos estas passagens como evidência da presença do poder do Reino, não estamos isentos do dever de definir o Reino futuro que é muito mais frequentemente mencionado.

[45] *2 João 7-9, 1 Timóteo 6:3 e Hebreus 2:3* parecem ser dirigidos contra essa tendência. Esses versículos não impediram que os evangélicos adotassem um "Dispensacionalismo" inconsciente em sua seleção de textos para apoiar sua apresentação do Evangelho. Eles se baseiam fortemente em versículos selecionados de Paulo e João, sem mencionar o Evangelho do Reino.

[46] cp. *C. E. B. Cranfield*, "*The Gospel According to St. Mark*" (O Evangelho segundo São Marcos) (Cambridge University Press, 1972), 284. Ao comentar em "*genea*" em *Marcos 8:38*, Ele ressalta que "idade" é o significado primário do hebraico "*dor*", que a LXX regularmente traduz como "*genea*". Além disso, Jesus contrasta a atual "*genea*" com o tempo em que Ele "vem na glória do seu pai", isto é, no início dos tempos vindouros. Compare, *Salmos 102:18*, LXX.

[47] Cp. *Cranfield*, *op. cit*., 287: "A interpretação [de *Marcos 9:1*] que (em nosso juízo) é muito provável é aquela que remonta à Igreja primitiva, que vê uma referência à Transfiguração". Isto é fortemente sugerido pela observação cuidadosa do número de dias em *9:2*.

[48] "*Kingdom of God*" (Reino de Deus), 112

[49] *op. cit*., 114.

[50] *op. cit*., 117.